

A Conversão de Leonardo Coimbra

II

Comentário à tese do Dr. Sant'Anna Dionísio

Com a data de 9 de Junho de 1984, terminou o Dr. Sant'Anna Dionísio uma longa série de artigos, vinda a público, semanalmente, em *O Primeiro de Janeiro*, sobre a personalidade, a obra e a conversão de Leonardo Coimbra ¹.

Embora, durante o ano de 1983 e anteriormente, tivesse mantido uma colaboração intermitente, neste e noutros jornais, sobre o mesmo tema, esta série ininterrupta foi motivada pela ocorrência do centenário do Mestre inconfundível e teve início a 5 de Dezembro do mesmo ano ².

Nenhum outro discípulo e admirador do filósofo portuense contribuiu mais que o Dr. Sant'Anna Dionísio, em profusão e persistência, para avivar a sua memória, reviver o seu magistério e difundir a sua exemplaridade de homem público, idealista e coerente. Nenhum outro, também, se debruçou antes dele e tão extensamente, sobre a sua personalidade e os seus problemas, a sua evolução religiosa e a conversão final ao Catolicismo.

Com efeito, logo em Abril de 1936, quatro meses após a morte do filósofo-tribuno, publicou o opúsculo *Leonardo Coimbra. Contribuição para o Conhecimento da sua Personalidade e seus Problemas* ³. Aí se encontra o texto que utilizou para duas conferências — em Vila Real, a 15 de Fevereiro e no Porto, a 31 de Março — e que fez anteceder de dois esclarecimentos, para se defender das reacções negativas por elas provocadas.

¹ Sant'Anna Dionísio, *Sucinto Post-scriptum*, in «O Primeiro de Janeiro», 18 de Junho de 1984.

² Idem, *Depoimento de um Cirurgião (Referente a uma conversão religiosa)*, Ibidem, 5 de Dezembro de 1983.

³ Idem, *Leonardo Coimbra. Contribuição para o Conhecimento da sua Personalidade e seus Problemas*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1936, 112 pp.

Se bem que tenham sido Álvaro Ribeiro e José Marinho os primeiros a publicar um trabalho de fundo sobre o seu Mestre português — um, de índole bio-bibliográfica e o outro, de introdução ao seu pensamento filosófico, nenhum deles se atarda na compreensão psicológica da sua personalidade, nem na problemática da sua conversão⁴. Mesmo nos estudos e nos livros subsequentes, dedicados, na totalidade ou primacialmente, à figura e à obra de Leonardo, não vai para aí a sua atenção, apesar de aludirem à temática e prestarem achegas de monta. Tal acontece para Álvaro Ribeiro, em *Os Positivistas*⁵ e *Memórias de um Letrado*⁶, e para José Marinho, em *Apoloogia de Leonardo Coimbra*⁷ e *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*⁸.

É de novo Sant'Anna Dionísio quem aparece, em 1950, a organizar a volumosa e apreciável colectânea de testemunhos dos seus contemporâneos, na qual integrou, além de um valioso depoimento, a mais extensa biografia e a mais completa bibliografia, até então publicadas, de e sobre o autor de *O Criacionismo*⁹.

Posteriormente, prefaciou um volume das *Obras Completas de Leonardo Coimbra* e fez uma conferência no Centro de Estudos Humanísticos¹⁰. Mas é sobretudo em 1983 e 1984 que insiste na sua tese primeira sobre a personalidade e a conversão do filósofo português, quer reeditando o opúsculo de 1936, quer repetindo o seu enunciado em termos agravantes, na *Introdução às Obras de Leonardo Coimbra*

⁴ Álvaro Ribeiro, *Leonardo Coimbra (Apontamentos de biografia e de bibliografia)*, Editorial Império, Lisboa, 1945, 93 pp.;

José Marinho, *O Pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*, Livraria Figueirinhas, Porto, 1945, 197 pp.

⁵ Álvaro Ribeiro, *Os Positivistas. Subsídios para a História da Filosofia em Portugal*, Lisboa 1951, 202 pp.;

⁶ Idem, *Memórias de um Letrado*, I vol., Guimarães e C.^a, Editores, Lisboa, 1977, 134 pp.; II vol., Lisboa, 1979, 211 pp.

⁷ José Marinho, *Apoloogia de Leonardo Coimbra*, in «Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos», Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, pp. 259-267.

⁸ Idem, *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, Lello e Irmão Editores, Porto, 1976, 311 pp.

⁹ Sant'Anna Dionísio, *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, pp. 269-423.

¹⁰ Idem, *Duas Palavras*, in *Obras Completas de Leonardo Coimbra*, I vol., «A Alegria, a Dor e a Graça. Do Amor e da Morte», Livraria Tavares Martins, Porto, 1956, pp. 7-16.

Idem, *Valor da Ciência para Leonardo Coimbra*, Publicações do Centro de Estudos Humanísticos, Porto, 1956, 24 pp.

(estas com nova edição), quer publicando, em artigos de jornal, boa parte dos estudos já vindos a lume, com algumas notas de complemento e correcção¹¹.

Na sequência do trabalho aparecido no número anterior desta revista e para confirmar a interpretação, aí defendida, do acto final de conversão do filósofo criacionista, proponho-me comentar directamente a posição do Dr. Sant'Anna Dionísio, com os seus pressupostos, argumentos, e grau de certeza¹².

I — O enunciado da tese sua persistência

É o próprio Dr. Sant'Anna Dionísio que resume a tese do ensaio de 1936, na *Nota* de apresentação. Reagindo às críticas suscitadas pela leitura do texto, em conferência pública, acentua que, ao pôr em foco o modo de ser «perturbante» de Leonardo Coimbra, não pretendia defini-lo, essencialmente, como tal. Embora admita que, para lá das suas inconseqüências e fugas, houve um homem relativamente explicável, não deixa de reconhecer que seria ingenuidade supor que algum dia se conseguirá uma integração completa de todos os dados da sua personalidade, tão divergentes e paradoxais alguns deles nos aparecem¹³.

A publicação impressa do texto lido, permitiria aquilatar das verdadeiras intenções do autor. A insistência no carácter «evasivo» e «desconcertante» do filósofo-tribuno não traduz um propósito depreciativo. Era antes e de certo modo, puramente metodológica. Na verdade, faria com que as várias apreciações se não petrificassem unilateralmente, mas antes se movessem à indagação, no sentido da descoberta de uma visão mais justa do Homem e da sua obra espiritual, para além das deficiências viventes e efêmeras.

As considerações feitas sobre a conversão religiosa não podem ser tidas como expressão, mais ou menos dissimulada, de sectarismo. Não tocam na sinceridade desse acto final, mas apenas na estabilidade da pacificação com ele porventura obtida.

¹¹ Idem, Série de artigos na página de «Opinião», em «O Primeiro de Janeiro», de 5 de Dezembro de 1983 a 18 de Junho de 1984.

¹² *A Conversão de Leonardo Coimbra. História e Interpretação*, in «Humanística e Teologia», Porto, V (1984) 179-217.

¹³ Sant'Anna Dionísio, *Leonardo Coimbra. Contribuição para o Conhecimento da sua Personalidade e seus Problemas*, Edição do Autor, Porto, 1936, p. 8.

Em tudo houve apenas o propósito puramente especulativo de simples e desinteressada indagação: saber quem era, na sua mais profunda autenticidade, esse Homem; saber qual o significado e valor existencial da sua conversão.

Àqueles que entenderam as objecções postas como denúncia de insinceridade, Sant'Anna Dionísio declara ter sustentado, com precisão, o seguinte:

«a) que Leonardo Coimbra foi estruturalmente um homem culto, e não um homem religioso; b) que, quanto a nós, não teve, nem podia ter, dada a sua natureza irreverente e inquieta, certezas definitivas sobre o essencial; c) que a sua conversão foi um «acto de procura», (como o definiu um dos mais inteligentes dos seus alunos) isto é, uma experiência a mais na sua vida de espírito veemente; d) que foi, em acréscimo, uma imposição de circunstâncias íntimas e ocasionais; e que, portanto, (ou pelo menos, segundo as melhores presunções) mal essas circunstâncias se resolvessem e se esgotassem os resultados concretos dessa experiência (como já tinha sucedido com a sua crença espírita) Leonardo Coimbra regressaria, com rutura ou sem rutura formal, pouco importa, regressaria de facto ao exercício livre do pensamento, — voltando a viver por sua conta e risco, como vivera até à véspera da morte»¹⁴.

Como se vê por este resumo, a indagação de Sant'Anna Dionísio gira à volta de dois polos: a personalidade de Leonardo Coimbra e a sua conversão. Para muitos que o conheceram de perto, constituía ele um enigma caracterológico. A adesão final à Igreja católica veio agravar a situação. Como conciliar este acto de obediência com o seu temperamento instável e com os seus hábitos de livre pensador?

Parte da personalidade para a conversão. Mas não há dúvida que esta parece ser o «leit-motiv» de todo o ensaio: explicá-la é o grande objectivo, pois constitui o facto iniludível que leva à mais funda interrogação. Apesar do protesto de boas intenções e dos ajustamentos que apresenta, não consegue o ensaísta iludir a perplexidade em que ficou e as hesitações e reservas que permaneciam, depois do volta-face religioso do Mestre admirado e da sua morte tão inesperada.

A impressão geral que nos fica, apesar da *Nota* introdutória, é a da insatisfação do autor, que não consegue a integração de aspectos contraditórios, que oscila entre a lealdade para com os factos e a sua interpretação diminutiva. Por isso, do conjunto do ensaio,

ainda que o seu autor o não tivesse querido, resulta uma visão depreciativa e redutora da personalidade do filósofo portuense.

Mas vejamos o desenvolvimento.

Personalidade contrastante

1 — Nos parágrafos ou capítulos 1 a 5, expõe o que se pode chamar o estado da questão: a personalidade de Leonardo Coimbra, de facto, ninguém a compreendeu satisfatoriamente; daí os mais contraditórios e excessivos juízos, emitidos sobre ele, como homem total, como tribuno, homem convivente, professor, escritor, pensador e homem religioso.

Torna-se necessário, por isso, compreendê-lo na sua vida e na sua obra, reduzir à unidade as suas várias reputações, elaborar um juízo total sobre o valor e o timbre ético da sua pessoa.

Aliás, esta necessidade vinha de longe. Pois Leonardo, durante quinze anos, senão mais, não fez outra coisa, além de semear admiração e apreensões: admiração pelos seus inexcusáveis dotes espirituais; apreensões sobre as linhas de clivagem das suas ideias e, principalmente, do seu procedimento civil e religioso.

Foi o período da sua transmutação ideológica e religiosa. E afinal, tudo foi agravado com a sua morte desastrosa e súbita e com a conversão, poucos dias antes.

«A confusão dos juízos, as apreensões, as dúvidas sobre a natureza mais profunda deste homem atingem com esta última atitude uma gravidade que não pode deixar de impor o problema da sua explicação como uma imperiosa questão intelectual»¹⁵.

Sant'Anna Dionísio, com o seu escrito, não presta um acto de homenagem, no sentido corrente. Como também não faz um acto de crítica, pois esta exige distância no tempo e sobretudo, isenção afectiva, que por enquanto, eram impossíveis. O seu objectivo confinava-se apenas a fornecer um «depoimento pessoal», feito em grande parte de pontos de vista subjectivos, sobre a personalidade de Leonardo Coimbra e alguns dos seus problemas mais íntimos. Sempre na intenção de procurar ver «para lá do homem aparentemente perturbante, um homem relativamente explicável»¹⁶.

¹⁴ *Idem, Ibidem*, p. 13.

¹⁵ *Idem, Ibidem*, p. 35.

¹⁶ *Idem, Ibidem*, p. 37.

Homem fáustico

2 — Do número 5 ao 14, estadeia-se a visão do homem. Estruturalmente, diz, o ilustre discípulo de Leonardo, parece-nos dever definir-se como um *homem fáustico*, isto é, com os dois traços fundamentais deste tipo de personalidade: o universalismo e a inquietação. Espelham-se nele estas duas características. Aspirou à compreensão inteira e íntima do Essencial; a sua inteligência consumiu-se a procurar uma verdade absoluta e pacificadora; mas o seu temperamento variável e insubmisso não lhe permitia fixar-se definitivamente num modo de encarar a Vida.

A solução para as questões mais dramáticas da Existência procurou-a através da cultura profana e livre. Por isso, embora se encontrasse no seu pensamento uma certa religiosidade, não foi tipicamente um homem religioso. Além de predominantemente racionalista, foi um homem fragmentário e múltiplo. Viveu, de facto, num regime de máxima largueza, expressa sob a forma de bonomia e de maledicência, ora cáustica, ora desportiva, de seriedade profunda perante as coisas mais humildes e de sarcasmo arrogante perante as mais respeitáveis. Não criou à sua volta o clima moral, o procedimento impecavelmente equânime, que o homem religioso irradia.

«Leonardo Coimbra foi, acima de tudo, uma inteligência universalista, inquieta e livre que teve a raríssima constância de viver, num meio como este, perto de trinta anos, a debater, *por sua conta e risco*, os problemas que mais importam ao homem»¹⁷.

O seu pensamento era reflexivo, mas célere; por vezes intuitivo e trágico, ora especulativo, ora existencial, sempre inquieto e perscrutador dos mistérios do Espaço e do Tempo, da Alma, do Mal, do Sofrimento, do Amor, do Destino e da Morte. Mesmo quando mais sistemático e dialéctico, era entrecortado por expressões poética e arroubos oratórios.

Um homem assim e um pensador desta índole, amplamente informado no domínio científico e filosófico, desejoso de tudo verificar experimentalmente, destituído de uma serenidade dialéctica constante, propenso a enfrentar os problemas mais dramáticos da existência e do Universo, interessadamente e em concreto, não podia encontrar uma pacificação definitiva.

¹⁷ *Idem, Ibidem*, pp. 44-45.

«Daqueles que participaram da convivência de Leonardo Coimbra, e hoje podem desprevenidamente reflectir sobre as suas recordações, raros devem ser os que admitem a crença de que o seu espírito era susceptível de uma atitude definitiva de alma perante o Insondável»¹⁸.

Conversão episódica e emocional

3 — As consequências desta análise psicológica e desta visão da personalidade de Leonardo Coimbra, para a interpretação da sua conversão religiosa, são óbvias.

Se não pode inferir-se que, para Sant'Anna Dionísio, seja tida como um «acto de superfície», é certo que, para ele, esse acto só se compreende, dado o temperamento de Leonardo Coimbra, como um *acto de circunstância*¹⁹.

Isto porque, para ser considerada como o «terminus» de um processo espiritual, era preciso, primeiro, esquecer as «fugas» do passado ideológico e afectivo deste homem; segundo, porque não pode resolver definitivamente os seus problemas, por meio de uma transacção afectiva, quem tentou resolvê-los, durante o melhor tempo da maturidade, pela via do pensamento; terceiro, porque, vendo nesse acto uma espécie de etapa dialéctica final de um pensamento, há que reconhecer que esse pensamento se perdeu em gastos excessivos, para atingir uma colina tão acessível; finalmente, porque os homens desta natureza, angustiados, inquietos e instáveis, não são capazes de obter o repouso definitivo.

Acresce que Leonardo Coimbra se refugiou na fé por desespero, por não poder compreender as ameaças impensáveis que sentia a rondá-lo, a apreensão terrível de perder o seu filho.

Nestas circunstâncias, compreende-se que o encontro do *Tratado do Desespero*, de Kierkegaard, fosse recebido pelo seu espírito como um socorro providencial. Apesar de ser uma obra profundamente herética, mostrou por ela uma pronunciada simpatia. E encontrou aí uma solução para o seu estado de alma, à altura da sua formação intelectual, eminentemente optimista, mas sempre especulativa: evadir-se do desespero pela crença na infinidade do Possível²⁰.

¹⁸ *Idem, Ibidem*, p. 77.

¹⁹ *Idem, Ibidem*, p. 78.

²⁰ *Idem, Ibidem*, p. 80.

Só que, uma conversão assim operada, por saturação de desespero, não podia deixar de ser uma conversão precária.

De resto, não teve ela aquele efeito transformador que é próprio das conversões «edificantes». Por força de um avassalamento imprevisível, rápido, infável, inteiramente gratuito, é toda uma vida que se transforma, na intimidade como na convivência, uma metamorfose ou catástrofe interior, de que resulta uma visão do mundo, das coisas e das pessoas completamente diversa. Daí uma nova maneira de proceder, uma modificação do «tonus» convivente²¹.

Ora, tal não aconteceu com Leonardo Coimbra. A sua conversão foi precedida de quinze anos, pelo menos, de hesitações, o que significa que, no fundo, era um angustiado incurável. E, aparecendo embora como um acto final, tornou-se uma experiência a mais, em razão da sua capacidade de suporte da angústia ter atingido o nível de ruptura.

Por outro lado, não deu lugar a nenhuma modificação profunda da sua idiosincrasia. Primeiramente, porque, a dar-se, devia ter acontecido há muitos anos, quando escreveu a pequena e exaltada oração apologética que se intitula *Jesus*. E tal não se verificou²². Depois, porque não é unânime o testemunho dos que conviveram com ele nos seus últimos dias. Segundo alguns, parecia outro; no dizer de outros, era o mesmo, apenas mais preocupado com a morte²³.

Assim considerada, esta conversão tem um significado mais dramático que religioso e nem sequer é propriamente uma conversão cristã. Pois o desespero é um sentimento caracteristicamente trágico, isto é, pagão.

Alguns episódios mais e duas frases apresenta Sant'Anna Dionísio como confirmação da sua tese. Mas, além de não trazerem nada de novo, são perfeitamente explicáveis e, noutro contexto, perdem a sua força probativa²⁴.

Resumindo e concluindo: o ilustre discípulo de Leonardo não pretende negar que ele, de certo modo, tenha sido um espírito cristão.

«De facto, no seu pensamento sempre existiu uma pronunciada simpatia pelo cristianismo, como esquema concepcional da existência e como posição de alma convivente».

²¹ *Idem, Ibidem*, p. 90.

²² *Idem, Ibidem*, p. 107.

²³ *Idem, Ibidem*, p. 95.

²⁴ *Idem, Ibidem*, pp. 78, 97.

Mas logo acrescenta: «o seu temperamento era mais forte do que o seu pensamento»²⁵.

E pergunta: «deveremos crer que um homem tão complacente com as vagas do seu humor poderia subordinar-se com rigorosa firmeza a uma fórmula de viver de tão difícil realização? passado o *estado dramático de necessidade* que condicionou o que alguns afirmam ter sido uma transformação radical e definitiva, não renasceria, mais dia menos dia, o lume rebelde da inquietação? o regresso ao que não salva, mas preenche e dignifica mais que tudo a miséria do homem: a reflexão livre? Nós não ousamos abertamente dizer que esse regresso era inevitável, porque a morte opõe-se à verificação; mas considerámo-lo, pelo menos, muito mais verosímil que a chamada pacificação definitiva»²⁶.

A persistência da tese

4 — A variabilidade de humor é, pois, o grande argumento para negar a definitividade da conversão de Leonardo Coimbra. Mas, sentindo talvez que a imagem do seu Mestre ficava diminuída, em demasia, ou num rebate de consciência, Sant'Anna Dionísio considera, ao findar o seu livreto que o humor é um elemento de superfície, não permitindo, muitas vezes escutar o timbre mais profundo de uma pessoa. Por isso, em trabalhos ulteriores seria necessário ir mais ao fundo e não considerar os desalinhos e as fugas de Leonardo como sendo a expressão mais fiel da sua maneira de ser.

O seu humorismo, muito provavelmente, era uma espécie de defesa ou um disfarce do seu ressentimento, contra a hostilidade do meio. Mais induzido, portanto, do que espontâneo.

No entanto, convém perguntar desde já, como é possível um elemento de superfície transtornar um acto de conversão que é uma opção fundamental, atingindo o íntimo da alma ou o nível de profundidade.

De qualquer modo, foi o próprio Sant'Anna Dionísio a cumprir o seu voto.

Com efeito, em 1950, no singular e valioso contributo para a colectânea de «testemunhos dos seus contemporâneos», começa por

²⁵ *Idem, Ibidem*, p. 98.

²⁶ *Idem, Ibidem*, p. 100.

apresentar uma visão mais unitária e positiva da personalidade de Leonardo Coimbra²⁷.

São mencionados «os aspectos perturbadores»; a complexidade e mistura de géneros na expressão, na obra e na vida, são reconhecidos; as interferências conflituais das várias vertentes são assinaladas; até os arremessos de polemismo e as perturbações «atmosféricas» do seu humor são lembrados. Mas, para tudo ser integrado nas qualidades e virtudes fundamentais da vivíssima espontaneidade, da profunda sinceridade, da impressionante coerência íntima, da constante apetência de concórdia e da inalterável atitude religiosa.

Foi, portanto, abandonada a ambiguidade crítica, o pendor depreciativo latente (contrabalançado, embora, por apodos ditirâmicos e afirmações apologéticas), a nítida dificuldade em compreender este Homem tão vário e multiforme. Agora temos um Homem verdadeiramente homogéneo e profundamente sério, para lá das aparências humorais, que, as mais das vezes, são apenas traições, actos de legítima defesa, ou deliberados expedientes de encobrimento, perante um «meio» estranho, adverso e malquerente:

«Contam-se pelos dedos os filósofos modernos que poderão competir com Leonardo Coimbra, no que diz respeito a essa virtude (a sinceridade). Por isso, a linha ascensional da sua obra — de pensador, de professor, de político, de homem interrogativo e homem religioso — é de uma impressionante coerência íntima»²⁸.

«Deixando de lado os incidentais arremessos de polemismo (o inevitável tributo que cada homem — mesmo quando é canonizado! — paga e terá de pagar sempre ao lastro visceral e às perturbações, por assim dizer, atmosféricas do seu humor), deixando de lado isso, que pouco significado e valor tem, será forçoso reconhecer um dia que o seu pensamento, muito conscientemente, se elevou, instante a instante, e sem quebras, da linha da terra, à tangência da vertical que aponta a mais atraente Possibilidade teleológica da Existência»²⁹.

«Contra a corrente e dominadora opinião, parece-nos, com efeito, que de todos os pensadores modernos, o mais pujante e ao mesmo tempo, o mais consequente, sob qualquer aspecto que se considere, tanto no plano especulativo como político, foi o autor

d'*A Rússia de hoje e o Homem de sempre*. A sua firmeza ideológica insere-se de maneira exemplar, em inalteráveis intuições de ordem metafísica, profundamente assimiladas»³⁰.

«Leonardo Coimbra faz uma perfeita coincidência dos fins e valores humanos e transcendentais na sua obra de pensamento e na sua existência concretamente vivida»³¹.

Esta notável mudança de perspectiva do ilustre discípulo de Leonardo, não o impede de manter inalterada a tese sobre a conversão. Repete-a nos mesmos termos, sugerindo até, como novidade, que seria desnecessária, «um pleonasm», de tal modo estava nele arreigado o espírito teodiceico. Agora, já não é apenas um homem culto, mas estruturalmente religioso, por vocação exemplarmente inata, para quem a salvação constituía uma exigência, «uma verdadeira ideia-hantise».

«Que significado poderemos, pois, atribuir à sua conversão?

«Não, seguramente, o de «revelação», pois, para o espírito do filósofo, não só a intuição da verosimilhança divina, mas a de redenção, latejavam através de toda a sua vida e obra».

«Para nós (como já tivemos ocasião de expor com demora, e, por isso, nos abtemos de levar aqui mais longe estas considerações) sua conversão foi uma espécie de «recolher ao leito», sob pressão do angustiador temor da morte que o filósofo sentia de novo a farejar «o seu lar».

E continua, mais formal e explícito, mas em perfeita coincidência com a formulação primeira:

«Se, por conversão se entende a «pacificação definitiva», o lançamento final num porto de abrigo, donde o navio não mais sairá — cremos ser forçoso reconhecer que, para a índole de Leonardo Coimbra não era possível tal estabilização. Seu espírito não era daqueles que se deixam facilmente «jubilar». Passadas as circunstâncias dramáticas que o coagiram a *recolher ao leito*, o filósofo voltaria de novo, certamente, à luta contra o mistério, por sua conta e risco»³².

Uma confirmação e novo argumento são aduzidos a partir do livro póstumo *O Homem às mãos com o Destino*, publicado pouco antes, e no qual o espírito reflexivo do filósofo se revela, como sempre, ligado ao sentimento trágico da vida e, portanto, incapaz de se deixar vencer por um momento de euforia ou de angústia dogmatizada.

²⁷ Idem, *Sentido humano e transcendente da Eloquência em Leonardo Coimbra*, in «Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos», Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, pp. 269-296.

²⁸ Idem, *Ibidem*, p. 271.

²⁹ Idem, *Ibidem*, pp. 271-272.

³⁰ Idem, *Ibidem*, p. 277.

³¹ Idem, *Ibidem*, p. 277.

³² Idem, *Ibidem*, pp. 273-274.

Por isso, conclui a breve abordagem do tema, deste modo:

«Que Leonardo Coimbra foi um homem estruturalmente religioso, é irrecusável; que pudesse inibir-se, após a conversão, de continuar a reflectir livremente sobre o Enigma, só o poderá supor verosímil quem não participou do seu íntimo convívio»³³.

Quer dizer: a tese é exactamente a mesma, mas a sua base de sustentação — a visão pessimista da personalidade de Leonardo Coimbra, é que se modificou. Logo, a prova resulta enfraquecida. E assim, o que gozava apenas e confessadamente de verosimilhança, passa a ter pouca probabilidade.

A pesar disto, quando se esperava que à melhor compreensão da personalidade do filósofo portuense, se juntasse a melhor compreensão da natureza da conversão ao Catolicismo — os dois polos definidores da questão e das suas exigências, Sant'Anna Dionísio volta atrás, nos anos de 1983 e 1984, não apenas reiterando a tese primitiva, mas até agravando-a nos seu termos.

Com efeito, na *Introdução às Obras de Leonardo Coimbra*, retoma o assunto, pelo viés memorialista, e acrescenta à interpretação dada — acto de procura, experiência moral, acto de circunstância, evasão e refúgio na fé, saturação de desespero, estado de dramática necessidade — as classificações de «acto de sujeição», «dramática desistência», «para tantos e tantos um verdadeiro escândalo». E confessa o que, no estudo de 1936, era apenas implícito: que o seu verdadeiro intuito fôra precisamente, explicar a conversão do filósofo³⁴.

Vejamos as suas próprias palavras:

«O filósofo havia acabado de desaparecer tragicamente, vítima de um imprevisto desastre nocturno. Poucos dias antes desse desastre fatal, havia-se convertido ao catolicismo.

O efeito que esse facto exercera no nosso meio social, seria muito profundo e requerera do nosso espírito intensa reflexão. Como explicar esse impressionante trânsito religioso; ou antes confessional? (...)»

«Quisemos tentar explicar o sentido e o processo causal desse acto derradeiro do filósofo que a fatalidade havia tombado, em circunstâncias inquietantes. O que nos propúnhamos saber, era a razão mais íntima *daquilo* que, para tantos e tantos, era um verdadeiro

escândalo. Quem poderia deixar de se interessar por esse *acto de sujeição* realizado por um dos homens públicos mais vinculados à evangelização livre da liberdade em Portugal?» (...)

Como entender, pois, aquela dramática desistência do tribuno, na ante-véspera do golpe do destino que o arrebataria para o insondável mistério da Morte?»

«Esse era, digamos assim, o problema instantâneo que, nessa ocasião, abordámos e cuja solução, boa ou má, tivemos a franqueza de expor»³⁵.

O inciso — *cuja solução boa ou má* — parecia introduzir alguma dúvida ou insinuar menor firmeza em relação à tese defendida.

Mas tudo se desvaneceu, quando, em 1983, Sant'Anna Dionísio fez vir a público a segunda edição fac-similada do opúsculo de 1936 e repetiu os mesmos textos na série de artigos de *O Primeiro de Janeiro*, a partir de Dezembro de 1983, até Junho de 1984³⁶.

Nestes se encontram, é certo, alguns elementos novos, mais uma vez correctivos da interpretação primeira. Assim a inclusão, em dois artigos, do *Depoimento de um Cirurgião*, o Dr. Abel Pacheco, testemunhando a conversão, não apenas na ordem dos factos, mas também na linha do pensamento (depoimento ainda inédito e que lhe tinha sido confiado pelo próprio filho do filósofo)³⁷ e daquela nota, em que dá uma informação sobre a doença do filho de Leonardo, atenuando a sua gravidade³⁸.

Estas achegas, porém, se provam a honestidade intelectual do investigador, são como gota no oceano, em relação aos dados antigos e de novo propostos.

No fim de contas, a grande dificuldade, para Sant'Anna Dionísio, esteve sempre em compreender como foi possível um ex-anarquista, filósofo da liberdade, em sentimento e pensamento, estruturalmente religioso e, aberto à mundividência cristã, romper definitivamente com o que «então se designava, com bastante ingenuidade, a disciplina laica e inquebrantável do livre-pensamento», ou seja, submeter-se ao dogma católico, pela obediência da Fé.

³⁵ *Idem, Ibidem*, pp. VI-VII.

³⁶ Série de artigos referida no início.

³⁷ *Idem, Depoimento de um cirurgião*, in «O Primeiro de Janeiro», 5 de Dezembro de 1983 e 12 de Dezembro de 1983.

³⁸ *Idem, Evocação frígida da fatídica noite de Baltar*, in «O Primeiro de Janeiro», 19 de Dezembro de 1983.

³³ *Idem, Ibidem*, p. 274.

³⁴ *Idem, Introdução*, in «Obras de Leonardo Coimbra», Vol. I, Lello e Irmão, Porto, 1983, pp. V-XL.

Impõe-se, portanto, um exame directo dos argumentos que utiliza, e, tendo em vista os factos aduzidos no artigo anterior desta revista, aferir da legitimidade da conclusão.

É o que vamos fazer, embora succintamente.

II — Os argumentos e a sua crítica

A tese acabada de expor é, obviamente, de índole psicológica. Nesse nível se situam também os argumentos e o grau de certeza. Por isso mesmo, aí há-de assentar qualquer contestação, tendo em conta, porém, as implicações teológicas — pois se trata de uma conversão à Fé católica, e também filosóficas — pois o convertido é autor de um sistema filosófico, por ele apelidado *idealismo criacionista*.

Do mesmo modo que a tese, assim a refutação não excederá a verosimilhança ou grande probabilidade, porquanto maior certeza não é possível neste domínio. Às leis psicológicas e sociais corresponde apenas uma certeza moral: aquilo que enunciam, acontece a maior parte das vezes, mas admite excepções.

Assentes estes pressupostos e apesar de admitirmos uma certa margem de indeterminação (e, portanto, variabilidade de pareceres), na interpretação de factos desta natureza, entendemos ser necessário examinar a argumentação de Sant'Anna Dionísio. A tese enunciada e até hoje persistente resulta, com efeito, claramente redutora e diminutiva dessa opção final, último e decisivo acto do Homem e do pensador, que, em plena maturidade existencial, estremeceu todo o seu íntimo e marcou, como fecho de abóboda, a sua vida e a sua personalidade.

Deste cume, tudo nele há-de ser perspectivado e compreendido, desde o pensamento à actividade política, como acentuou Delfim Santos, pois não há «desvios» na trajectória do filósofo, como não há contradição entre a sua vida religiosa, nomeadamente a sua conversão, e o seu mais fundo pensamento³⁹.

A argumentação de Sant'Anna Dionísio tem uma parte de testemunho e uma parte de interpretação. A primeira, que, obviamente tem de ser levada muito a sério, recolhe vivências, observações pessoais, factos indesmentíveis. O seu autor foi discípulo atento, conivente assíduo e próximo colaborador do Mestre portuense. Fez

³⁹ Delfim Santos, *Actualidade e Valor do Pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*, Publicações do Centro de Estudos Humanísticos, Porto, 1956, p. 18.

parte, por exemplo, do corpo redactorial da revista *A Águia*, de 1925 a 1930, quando Leonardo Coimbra era seu director.

A parte de interpretação é naturalmente discutível, quer em virtude de pressupostos inconscientes ou de deficiência de informação, quer por força de certa carga de subjectivismo, aliás confessado e compreensível, no tempo e circunstância da sua formulação, mas incompreensível na sua persistência até hoje, a não ser por preconceito.

Contra a parte de testemunho, não se pode validamente argumentar, senão com outros testemunhos. Contra a parte de interpretação, podem apresentar-se outras interpretações, factuais ou possíveis, e discutir as estruturas escondidas naquela latentes.

Contestação directa da tese em questão existe apenas uma — a do próprio filho do filósofo-tribuno, Leonardo Augusto Coimbra, logo em 1936⁴⁰. Contestação indirecta, com a apresentação de dados novos e leitura diferente dos factos conhecidos, foi a de António de Magalhães, em vários estudos, a partir de 1950, e retomada por Amândio César, em 1976⁴¹.

Visão minimalista da personalidade

1 — A argumentação de Sant'Anna Dionísio oscila entre dois polos: a visão minimalista da personalidade do Mestre e a concepção maximalista da conversão à Fé católica. E inclui ainda alguns episódios que vêm confirmar a tese estabelecida.

Quanto ao primeiro ponto, não há dúvida que Leonardo Coimbra constituiu para muitos um autêntico enigma caracterológico. A nível de personalidade profunda realiza perfeitamente o tipo de «homem fáustico», isto é, inquieto, angustiado perante os problemas mais dramáticos da Existência, movido por uma curiosidade insaciável de saber, desejando permanentemente repousar no Absoluto. Por isso, indagou, especulou, experimentou, sempre num esforço de livre procura, «por sua conta e risco». Procurou resolver os problemas mais universais pela «cultura profana e livre» e, como verdadeiro filósofo (sem par na época contemporânea e no nosso meio), pela coordenação do seu próprio pensamento.

⁴⁰ Leonardo Coimbra, Filho, *Leonardo Coimbra. Considerações sobre o Livro do Dr. Sant'Anna Dionísio*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1936, pp. 70.

⁴¹ Cf.: *A Conversão de Leonardo Coimbra. História e Interpretação*, in «Humanística e Teologia», Porto, V (1984) 210-213.

Simultaneamente dotado de inegáveis dons artísticos, — sensibilidade poética e poder de comunicação —, tornou-se o maior orador do seu tempo e um caso invulgar de verdadeiro Mestrado, pela irradiação de cultura e pela criação, à sua volta, de um estimulante clima de interesse intelectual e filosófico.

Mas, também por isso mesmo, não foi um pensador puro; o seu estilo é uma mistura de géneros — reflexivo, poético, eloquente; a sua acção pedagógica foi singular, removente, indisciplinada; a sua convivência foi excessiva, sacrificando demasiado à plateia, por vezes indigna de um homem superior, pela maledicência, mordacidade e vulgaridade.

Destes contrastes, dos seus «aspectos perturbadores», das fugas, desvios ideológicos e variações de humor, conclui Sant'Anna Dionísio duas coisas: que quem conheceu de perto o filósofo portuense não pode acreditar que fosse capaz de se fixar definitivamente em qualquer ortodoxia, ou de «uma atitude definitiva de alma perante o Insondável»; que ele era um homem culto, mas não estruturalmente religioso.

Ora, antes de mais, examinemos a premissa. Os defeitos de personalidade em Leonardo Coimbra são inegáveis. Confirmam-nos as testemunhas mais insuspeitas e responsabilizadas. Simplesmente, não são por elas tão acentuados; não impedem de compreender o Homem, para lá das aparências; não geram tão grande perplexidade de juízo caracterológico e moral; não servem de base para tirar tais aplicações e consequências.

Os dois discípulos que mais escreveram sobre o Mestre portuense, para além de Sant'Anna Dionísio, têm pronunciamentos globais que são mais firmes e graduados.

Álvaro Ribeiro, que escreveu a sua primeira biografia, anota em 1945, que «a personalidade de Leonardo Coimbra sofreu a injúria de ser discutida pela casuística daquela moral assaz mesquinha que sempre se encontra ao alcance dos ignaros»⁴². E acrescenta, enfrentando inequivocamente a problemática em causa:

«As diferentes fases da actividade pública de Leonardo Coimbra estão suficientemente registadas e documentadas para que, através delas se possa verificar que a inspiração patriótica e a orientação

⁴² Álvaro Ribeiro, *Leonardo Coimbra (Apontamentos de Biografia de Bibliografia)*, Editorial Império, Lisboa, 1945, p. 12.

cristã desenham a linha de constância e de coerência de uma vida inteira»⁴³.

Depois, quanto à atitude ética de respeito pelos outros e à bondade do seu coração:

«Na intimidade familiar, assim como no convívio social, Leonardo Coimbra manteve-se sempre na atitude ética que, do seu pensamento personalista, respeitador da dignidade humana nitidamente sobressaía. As melhores qualidades do seu coração, a generosidade e a bondade tantas vezes postas à prova em situações dramáticas, aguardam ainda que os testemunhos dos parentes e dos amigos as confessem ou revelem para a elucidação dos vindouros».

«Nunca Leonardo Coimbra tomou a iniciativa da maleficência ou do ataque pessoal, e só na mocidade algumas vezes foi esmagador e cruel na réplica ao adversário; arrependeu-se mais tarde de, nos seus livros, ter citado com desprimor o nome de um ou outro escritor português»⁴⁴.

Seguidamente, quanto à tão apontada sobrançeria e causticidade:

«Foi acusado de maledicência. É verdade que, nas horas amenas, comentava actos e atitudes dos contemporâneos ou narrava episódios de que fôra testemunha, oferecendo aos admiradores e amigos o encanto peculiar de graciosa conversa.

«Simplesmente, Leonardo Coimbra não tinha o propósito de humilhar ou ofender as pessoas a que se referia, mas apenas exemplificar com humor ou com desgosto as consequências necessárias de algumas atitudes de pensamento, a que a alma do filósofo noutros momentos se opunha com a espada da eloquência.

«Os intrigantes, porém, desatentos ao aspecto pedagógico da conversa e do convívio, iam reproduzir com malícia o que fôra dito sem intenção ofensiva. Desta maneira perdia Leonardo Coimbra a assistência e a estima daqueles cuja vaidade era mais forte do que o discreto sentimento de amizade»⁴⁵.

Junta-se aqui, o que Álvaro Ribeiro escreveu muito mais tarde, em 1977, num dos volumes das *Memórias de um Letrado*, nuclearmente dedicados à figura e à acção pedagógica do seu Mestre e iniciador nas lides filosóficas:

⁴³ *Idem, Ibidem*, p. 13.

⁴⁴ *Idem, Ibidem*, p. 14.

⁴⁵ *Idem, Ibidem*, p. 14.

«Nunca fui testemunha dos actos de maledicência que alguns contemporâneos atribuíam à personalidade de Leonardo Coimbra. (...)

«Dissolvidas as primícias da conversa jovial ou jocosa, logo que os contertúlios sedimentavam os dizeres mais fúteis, começava o livre jogo dialéctico pela notícia séria do aparecimento de mais um livro estrangeiro que iria esclarecer ou enriquecer qualquer daquelas zonas da filosofia que não eram cultivadas nos claustros universitários, fechados pela legislação burocrática de inspiração positivista a todas as heterodoxias e a todas as heresias.

«Leonardo Coimbra, com uma inesperada e subtil frase irrevemente, alarmava então os discípulos, os alunos e os ouvintes, ao fazer comentários penetrantes que logo estimulavam a discussão calorosa.

«Com admirável mestria, denunciava paralogismos da ignorância ou da inexperiência dos que ousavam retorquir-lhe, e até dos que ficavam calados, e demolia os argumentos mal construídos, as banalidades do senso-comum, os preconceitos obsoletos, os juízos temerários e os falsos testemunhos.

«Pelo contrário, nós mostrávamo-nos muito gratos para com o mestre que nos obrigava a aperfeiçoar a elocução e o raciocínio, e que nos distinguia com um ensinamento que não poderia ser ministrado nas aulas»⁴⁶.

Finalmente, como síntese do juízo sobre o aspecto moral da sua personalidade:

«Leonardo Coimbra não era um santo, por muito que contemplasse o ideal de santidade. Atingira, porém, um grau de aperfeiçoamento ético que comprova o valor da sua experiência filosófica e impõe a sua personalidade ao respeito de todos quantos o conheceram»⁴⁷.

Por sua vez, José Marinho, que na obra de introdução ao pensamento filosófico de Leonardo Coimbra, em 1945, não aflora esta temática caracterológica e moral, escreveu no seu «testemunho» em 1950:

«Três sinais, que nunca mentem, distinguiram sua alma profunda, assinalaram sua vida, se exprimiram em sua fisionomia, seu gesto, seu magistério poderoso, seu juízo implacável, sua imaginação alada, seu

verbo fecundo e inolvidável: a exigência da verdade, sentido da liberdade, a dádiva de amor espiritual aos discípulos, aos amigos, a qualquer classe, turma ou assembleia que o ouvisse, por mais impreparada ou ignara...»⁴⁸.

E adverte, noutro passo, que é necessário compor compreensivamente o aspecto de homem bom e generoso, comovido e até piedoso perante a dor humana, com aquela «crueldade implacável e sagrada perante a ignorância atrevida que acaba sempre por tornar-se perigosamente dominadora nas épocas de homens desatentos e incapazes de séria reflexão». Depois de observar como ele teve de pagar pesado tributo à época em que surgiu e à incompreensão do meio, explica: «Ser poeta ou filósofo com alto, inquietante e original sentido religioso da vida, é coisa anómala e paga-se sempre caro»⁴⁹.

No mesmo sentido se pronuncia Eugénio Aresta. A figura de Leonardo tem o seu quê de enigmático e estranho. «A aparência, para os que com ele conviveram de leve, era a do homem evasivo e incerto, por vezes histriónico, de espírito satírico e mordaz, sacrificando a uma popularidade de momento pela cedência ao anedótico e pitoresco. Para os que mais profundamente com ele conviveram, sob esta camada superficial, estava um espírito sério, debruçado com inquieta e comovida curiosidade sobre todos os grandes problemas que perturbam a alma humana»⁵⁰.

São de todo condizentes os testemunhos de Augusto Saraiva e Adolfo Casais Monteiro.

Diz o primeiro: «Quem conhecesse Leonardo Coimbra na intimidade, poderia lóbrigar nele mágoa ou despeito: mas nunca ódio ou mesquinhez. À parte caprichosas erupções de superfície, lá no íntimo a sua alma era pródiga e grande, como a de um titã ou a de um deus»⁵¹.

E o segundo, depois de reconhecer que nele, uma quase demoníaca inspiração parecia fazê-lo passar da intransigência à mesquinhez e até ser cruel para com os seus melhores amigos, refere: «Não lhe podiam perdoar os fracos, que viam a sua esquelética estrutura

⁴⁸ José Marinho, *Apologia de Leonardo Coimbra*, in «Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos», Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, pp. 265-266.

⁴⁹ *Idem, Ibidem*, pp. 261-262.

⁵⁰ Eugénio Aresta, *Leonardo Coimbra. O Homem e a Obra*, *Ibidem*, pp. 61-62.

⁵¹ Augusto Saraiva, *Alguns Aspectos da Personalidade de Leonardo Coimbra*, *Ibidem*, p. 40.

⁴⁶ *Idem, Memórias de um Letrado*, Vol. I, Guimarães e C.ª, Lisboa, 1977, pp. 124-125.

⁴⁷ *Idem, Leonardo Coimbra (Apontamentos de Biografia e de Bibliografia)*, Editorial Império, Lisboa, 1945, p. 14.

espiritual desmascarada: mas não podiam deixar de lho perdoar todos quantos sabiam a que ponto a sua bondade era real — quando posta à prova pela urgência de um acto de solidariedade»⁵².

Devemos, pois concluir, quanto à premissa, que nenhum dos testemunhos citados acompanha Sant'Anna Dionísio na sua visão de uma personalidade contrastante, instável, dilacerada por antagonismos incorrigíveis. Antes propendem a ver nela o predomínio da bondade, da grandeza de alma, da elevação espiritual, da generosidade de coração. Aliás, como acontece ao próprio Sant'Anna Dionísio, em 1950, conforme referi atrás.

Sendo assim, fica sem base e sem apoio a primeira conclusão e torna-se mais verosímil que a conversão fosse profunda, definitiva e pacificadora, pois, por sua natureza, desenvolve as qualidades positivas e tende a diminuir os defeitos. Além disso, foi precedida de um longo processo de maturação ideológica e moral, facto que Sant'Anna Dionísio, estranhamente, não tem em conta nem assinala.

Homem culto, metafísico-religioso

2 — Quanto à segunda conclusão — que Leonardo era um homem culto, mas não estruturalmente religioso — observamos desde já que também ficou enfraquecida, pois se fundamentava principalmente no tipo de personalidade do filósofo-tribuno.

Com efeito, para Sant'Anna Dionísio, o homem religioso paradigmático, modelar, é o que atinge o absoluto, não dialecticamente, mas por uma predisposição íntima, inefável, que lhe é dada de graça, e que manifesta uma grande segurança nas suas intuições, uma homogeneidade de ânimo que faz dele um homem visceralmente tranquilo.

Ora Leonardo Coimbra viveu muito tempo a colocar problemas de especulação metafísica e era a esse nível que procurava solucionar também os problemas religiosos. Pertencia ao grupo dos homens que querem crer, mas a sua inteligência ampla, exigente e instruída, opunha a essa vontade rudes embargos. Além disso, não foi um homem íntegro, de espírito equânime, mas fragmentário e múltiplice, criando à sua volta um clima moral, pouco condizente com o modo de ser constante e o procedimento impecável do homem religioso.

No entanto, e apesar disto, Sant'Anna Dionísio evolui no seu modo de pensar, e afirma, no testemunho de 1950, «que Leonardo

⁵² Adolfo Casais Monteiro, *O meu Mestre Leonardo Coimbra*, Ibidem, pp. 256-257.

Coimbra nos aparece como um dos homens que no nosso tempo, no velho Ocidente, mais profunda consciência teodiceica revelaram. Poderíamos compará-lo a Chesterton. Mas seria de certo modo equívoco, porque Leonardo, em rigor, não foi um «twice born man». Sua vocação religiosa era exemplarmente inata. Mais do que na alma de inúmeros padres, bispos e cardeais — na sua estremecia o acenar da possibilidade divina como uma possibilidade evidente, claríssima, imprescindível, dialecticamente necessária. Como nenhum outro português deste século, mostrou enraizada crença, filosoficamente debatida e afirmada, de Deus»⁵³.

Por isso, conclui logicamente, mas ao contrário do afirmado em 1936: «Que Leonarrrdo Coimbra foi um homem estruturalmente religioso, é irrecusável»⁵⁴.

Como entender esta oscilação?

A resposta introduz-nos na descoberta da multiplicidade de factores e complexidade da atitude religiosa, em geral. Para Sant'Anna Dionísio, a quando do primeiro escrito, nela predominava a componente sentimental e os seus reflexos morais ou comportamentais. Agora, reporta-se fundamentalmente à linha de pensamento. E não há dúvida que, para Leonardo Coimbra, a verdade de Deus, do ponto de vista especulativo, foi sempre inconcussa e presente em todas as suas obras, artigos e discursos; isto, «no tempo em que ele era genuinamente espírito livre e todavia genuinamente teodiceico».

Então, em 1936, o homem religioso era essencialmente «aquele que tende a sentir, e *sente*, parece, em certos instantes, a dissolução de todas as formas de pluralidade de ser, a principiar pela sua própria individualidade, na unidade concretamente apreendida dum princípio absoluto, primordial, gerador e absorvedor de todas as aparências relativas de autonomia. Mas o homem religioso típico, modelar, não atinge esse absoluto dialecticamente»⁵⁵.

Ora, Leonardo aspirou à compreensão inteira e íntima do Essencial; desejou repousar no absoluto e possuir a verdade pacificadora, mas sempre pelo esforço porfiado da reflexão, pelo pensar especulativo desinteressado. Não foi, pois, o homem religioso típico.

⁵³ Sant'Anna Dionísio, *Sentido humano e transcendente da Eloquência em Leonardo Coimbra*, Ibidem, p. 273.

⁵⁴ *Idem*, Ibidem, p. 275.

⁵⁵ *Idem*, *Leonardo Coimbra. Contribuição para o Conhecimento da sua Personalidade e seus Problemas*, Edição do Autor, Porto, 1936, pp. 38-39.

Agora, em 1950, é pela via do pensamento que é ele definido como espírito religioso: «será forçoso reconhecer um dia que o seu pensamento, muito conscientemente, se elevou, instante a instante, e sem quebra, da linha de terra, à tangência da vertical que aponta a mais atraente Possibilidade teleológica da Existência»⁵⁶. «A verdade fundamental do seu pensamento foi sempre esta: a mais humilde e precária expressão de ser prova a existência irrefragável do absoluto Ser»⁵⁷.

A esta verdade juntou-se a intuição de que o fim da Existência não seria a imobilidade e a morte, mas a libertação de todos os seres, por uma espécie de acção miraculosa de peso que sobe, radicando no seu espírito uma autêntica esperança metafísica.

Ora, isto era tão paradigmaticamente religioso para Sant'Anna Dionísio que ele pôde sugerir que a vocação religiosa de Leonardo era inata e a sua conversão se tornou, por assim dizer, um pleonasma.

Havemos, entretanto, de convir que o sentimento e o pensamento são factores determinantes da atitude religiosa, mas é preciso acrescentar-lhes a opção fundamental e existencial que estabelece uma relação interpessoal com Deus e depende da vontade, sob o impulso da Graça.

Por isso, na fase criacionista, em que Leonardo Coimbra foi predominantemente especulativo, racionalista e livre pensador, pode dizer-se um metafísico pre-religioso, para usar as categorias da psicologia religiosa actual. Quer dizer, nele se patenteia, desde o início, o sentimento da participação no Todo, a presença afectiva do homem no Universo ou a inserção profunda na totalidade do Ser, que constituem a experiência metafísica ou o sentimento pré-religioso, na terminologia de Antoine Vergote. Este sentimento da «totalidade», como tensão para uma plenitude absoluta, desenvolve-se em sentimento do infinito, do divino, do sagrado, do Mistério tremendo e fascinante, e passa a momento primeiro da experiência religiosa.

Leonardo Coimbra atinge claramente esta experiência metafísico-religiosa sob a forma de intuição poética e de imperativo absoluto do dever; eleva-a à conceptualização e codifica-a em teoria, no sistema criacionista. Mas, enquanto permanece no plano meramente

⁵⁶ Idem, *Sentido humano e transcendente da Eloquência em Leonardo Coimbra*, in «Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos», Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 272.

⁵⁷ Idem, *Ibidem*, p. 273.

ideal, de busca e especulação filosófica, sem atingir o nível profundo da opção de vida ou âmbito de decisão voluntária-existencial, com todas as consequências na linha do comportamento, não assumiu propriamente uma atitude religiosa e, muito menos, cristã. Foi, por isso, um homem estruturalmente metafísico e incoativamente religioso, quer no plano especulativo, quer no plano moral e só quando iniciou o longo processo de conversão ao Catolicismo, dá sinais de assumir uma atitude propriamente religiosa, embora ainda não propriamente cristã. Tal acontece, por exemplo, em Setembro-Outubro de 1922, quando, ao terminar o livro mais sistemático — *A Razão Experimental* (no qual põe expressamente a hipótese da Revelação, como via de acesso ao Volume espiritual ou mistério de Deus), confessa:

«Por mim depois de trabalhar, rezo; depois de ter subido com o meu esforço a montanha do pensamento e da realidade, ajoelho e canto; depois de olhar a vida do vértice da Vida, preparo audácia e humildade para o voo, que, dando-me, à Morte me deite no misterioso mar da Maior Vida»⁵⁸.

Conceito maximalista da conversão à Fé

3 — O segundo polo da argumentação de Sant'Anna Dionísio é o conceito maximalista e unívoco de conversão à Fé católica.

Com efeito, para ele há só um tipo de conversão: aquela que se processa por um avassalamento interior, que irrompe como uma tempestade e tudo transforma, como puro dom da Graça. Esta é a conversão típica, verdadeiramente exemplar e edificante.

Ora a conversão de Leonardo Coimbra «foi uma experiência moral, precedida de quinze anos, pelo menos, de hesitações», o que significa que, no fundo, ele era um angustiado incurável⁵⁹. Por outro lado, não deu lugar a nenhuma modificação saliente da sua idiosincrasia, a qualquer alteração do seu «tonus» convivente ou da sua maneira de proceder.

Foi, portanto, um acto de circunstância, sob a pressão da ameaça de morte do segundo filho, emocional, precária, por uma imposição trágica do desespero.

⁵⁸ Leonardo Coimbra, *A Razão Experimental*, Edição de «A Renascença Portuguesa», Porto, 1923, pp. 376 e 390.

⁵⁹ Sant'Anna Dionísio, *Leonardo Coimbra. Contribuição para o Conhecimento da sua Personalidade e seus Problemas*, Edição do Autor, Porto, 1936, p. 88.

Observemos, em primeiro lugar, que não há um único tipo de conversão, mas, em última análise, tantas conversões diferentes, quantos os convertidos. Distinguem-se, sem dúvida, conversões mais significativas, espectaculares e fulminantes, pelo menos na aparência, e outras mais humildes, lentas, ao nível da normalidade das leis psicológicas. Mas todas são verdadeiras conversões, transformadoras da mentalidade e do comportamento, do pensar, do agir e do conviver. E nenhuma termina, num momento de plenitude interior ou de adesão formal externa. Mas supõem quase sempre, ou pelo menos, prolongam-se sempre num processo de maturação intelectual e afectiva, que nunca está terminado, e tem como meta a própria santidade.

Temos, portanto, de partir dos factos para a sua interpretação e não sujeitá-los a uma interpretação pré-concebida.

Sant'Anna Dionísio omite factos importantes e força o significado daqueles que apresenta.

Omite alguns sinais de transmutação do pensamento, a partir de 1923, tais como os livros *Guerra Junqueiro*, *Jesus, S. Francisco de Assis (Visão franciscana da Vida)*, e ainda alguns discursos e conferências; não menciona algumas atitudes e factos, que, em 1936, certamente desconhecia, mas entretanto foram testemunhados e publicados⁶⁰; e, sobretudo, não interpreta o longo período de maturação existencial, como preparatório e conducente à conversão total. Serve-lhe, antes, para demonstrar a instabilidade psicológica e a consequente incapacidade para uma conversão profunda e definitiva.

É o que vemos, por exemplo, na segunda e última referência que faz a este período, numa das notas finais: «Se L. C. fosse susceptível de uma modificação profunda e definitiva, essa modificação deveria ter sido efectuada há muitos anos; na ocasião, pelo menos, em que escreveu essa pequena e exaltada oração apologética que se intitula *Jesus*»⁶¹. E continua observando que nesse escrito nos parece um homem transfigurado, e apesar disso, não deixou de viver como vivia, não deixou de ser o homem humoral e vário, não morreu o demoníaco que nele existia.

Ora, Sant'Anna Dionísio toma um simples sinal de abertura intelectual à Fé cristã, como se fosse uma conversão plena e exige

⁶⁰ Cf.: *A Conversão de Leonardo Coimbra. História e Interpretação*, in «Humanística e Teologia», Porto, V (1984) 208-217.

⁶¹ Sant'Anna Dionísio, *Contribuição para o Conhecimento da sua Personalidade seus Problemas*, Edição do Autor. Porto, 1936, pp. 107.

dele um efeito superior à causa. O filósofo criacionista apenas iniciava uma longa e difícil caminhada, pois tinha ainda muitos obstáculos a vencer, de ordem ideológica, afectiva e sociológica. Tinha, sobretudo, de fazer experiências vitais que o desprendessem de si mesmo, das vanglórias deste mundo, e lhe permitissem uma certa razão de desilusões, capaz de pôr à prova o seu próprio sistema filosófico e dar a convicção dos limites de todo o enquadramento idealista e racionalista da vida, do Universo e de Deus. O confronto entre o idealismo criacionista e a metafísica cristã, num intelectual com forte exigência de racionalidade, iria necessariamente levar tempo e custar muitas digressões e pesquisas, no domínio filosófico e teológico. Só na última obra dá claros indícios de adesão a um ideo-realismo, incluindo a analogia do ser, consentâneo com a metafísica cristã.

Há, pois, que fazer uma valorização antitética desta fase de transmutação, considerando-a na perspectiva de uma conversão ordinária e não à luz de uma conversão excepcional, repentina e transformante.

Observamos, em segundo lugar, que, precisamente, em virtude deste longo processo, a conversão total não pode ser considerada um acto de circunstância, embora se admita que houve circunstâncias a influir nela. Mas isto acontece com todos os actos humanos. Tanto ou mais que a tão falada doença do filho, terá influído, segundo julgo, a caminhada deste para a Fé e o desejo manifesto de receber o Baptismo.

De resto, nem a doença era tão grave e a ameaça de morte tão premente, como reconhece o próprio Sant'Anna Dionísio em 1984⁶². Além disso, muito antes dela eclodir, dois anos pelo menos, Leonardo fizera as primeiras profissões públicas de Fé católica.

Não se tratou, portanto, de transe emocional, precário e reversível, por imposição trágica do desespero.

Há, finalmente um episódio, a que não posso deixar de fazer referência, pois, Sant'Anna Dionísio lhe dá muito relevo e exponencia-lhe o significado. É o facto de Leonardo Coimbra, pouco antes da morte, ter indicado para tradução o livro de Kierkegaard *Tratado do Desespero* (o título original é *A Enfermidade mortal ou Tratado do Desespero*) e começar a escrever, para ele, uma introdução.

Ora, argumenta, isto é sinal do seu estado de alma; refugiou-se na fé por desespero, por não poder compreender as ameaças impen-

⁶² Idem, *Evocação frígida da fatídica noite de Baltar*, in «O Primeiro de Janeiro», 19 de Dezembro de 1984.

sáveis que sentia a rondá-lo. O encontro do tratado foi recebido como um verdadeiro socorro providencial ou verdadeira consolação, sugerindo-lhe a evasão do desespero, pela crença na infinidade do Possível.

Acresce que se trata de uma obra profundamente herética, do ponto de vista católico. Por isso, é de estranhar que, nessa altura, manifestasse simpatia por ela.

Demora-se um pouco Sant'Anna Dionísio a expor a dialéctica do desespero no teólogo e filósofo dinamarquês. Mas parece reduzir a sua ligação com a fé à imposição de circunstâncias dramáticas e não a algo de estável e constitucional.

Na verdade, para Kierkegaard, todo o homem deve elevar-se ao estádio religioso da existência (depois do estético e do ético) pelas comoções existenciais da angústia e do desespero. Estes factores emocionais do salto qualitativo que sacode o homem no seu próprio ser e o arranca subitamente do seu ser anterior, encontram-se em estreita ligação com o pecado: descobrem, precedem, acompanham e seguem o pecado, situando o homem na relação a Deus. A angústia define-se como a possibilidade da liberdade. E o desespero, como enfermidade mortal e universal, através da qual o homem quer desfazer-se de si mesmo. Mais do que desesperar de algo, desespera de si. O desespero, intimamente unido ao pecado, de certa maneira se confunde com ele.

Sendo assim, a aplicação da dialéctica do desespero ao caso de Leonardo Coimbra faz dela uma interpretação superficial, redu-la a uma simples imposição de circunstâncias mais ou menos trágicas, quando efectivamente se trata de verdadeiro factor do salto para a fé ou para o autêntico viver religioso e cristão.

O conceito de desespero é, pois, usado em dois sentidos: no sentido constitucional kierkegaardiano e no sentido episódico, comum, de desespero de alguma coisa. Por isso, não é legítima a conclusão, que desta vez pretende atingir o que é profundo e vital com razões de superfície e circunstância, com a agravante de ter começado por invocar uma concepção de fundo e estrutural.

Outros testemunhos, outras interpretações

4 — Para finalizar, notemos que outra é a interpretação dos três discípulos que mais se debruçaram sobre a vida e obra do filósofo criacionista.

Álvaro Ribeiro, descrevendo a atitude religiosa do pensador-tribuno, contesta directamente a tese de Sant'Anna Dionísio. Depois de referir a sua evolução — passando de um cristianismo de índole moral para o plano religioso, foi levado a admitir a divindade de Jesus, e a aceitar a teologia católica — acentua que o espírito de Leonardo não pertencia à família dos impenitentes heterodoxos como Teixeira de Pascoais, nem à dos oculistas lunares como Fernando Pessoa.

E acrescenta:

«Não teve, pois, mero carácter episódico e sentimental esta discutida conversão; tem o correspondente movimento intelectual registado nos escritos de diversas fases, o que garante a profunda sinceridade do pensador; filósofo católico como Maurice Blondel, Edouard Le Roy ou Jacques Chevalier, mas pensador de raiz portuguesa, Leonardo Coimbra, se tivesse podido continuar a sua actividade espiritual, não seguiria o movimento neo-escolástico das Universidades de Lovaina e de Milão»⁶³.

Conclui, dizendo que a conversão de Leonardo não causou surpresa a quem tivesse feito duas observações. Primeira, que o conceito de filosofia donde partira, facultava à intuição e à experiência uma progressiva indução no misticismo. Segunda, que Leonardo nunca fôra adversário militante da Igreja católica; as suas posições no plano ideológico e político, eram de tolerância e de defesa do sentimento religioso, mesmo em comícios anti-clericais.

José Marinho, por sua vez, considera que, no seu conjunto, o pensamento, a vida e a obra de Leonardo se fundem em harmoniosa ideia, viva e fecunda; e não apenas antes da conversão:

«Foram maiores, nalguns dos seus próximos, os dons estéticos, outros (...) raciocinaram mais rigoroso, nenhum entreabriu mais extraordinárias perspectivas ao espírito, nem deu tão admirável exemplo de inquieta e incessante busca da verdade. Até ao fim, até à conversão, e na mesma conversão, seu pensamento e sua vida perseguem um fim rigoroso e desenvolvem-se com harmonia sem par»⁶⁴.

Finalmente, Delfim Santos é mais explícito. Depois de afirmar que não há «desvios» na trajectória do filósofo, no intervalo que vai do primeiro ao último livro, ao contrário do que têm defendido

⁶³ Álvaro Ribeiro, *Leonardo Coimbra (Apostamentos de Biografia e de Bibliografia)*, Editorial Império, Lisboa, 1945, p. 17.

⁶⁴ José Marinho, *Apologia de Leonardo Coimbra*, in «Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos», Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 265.

os intérpretes que não consideram a sua vida religiosa integrada, desde sempre, no seu mais fundo pensamento, declara peremptório:

«A sua conversão, que a tantos surpreendeu como inesperado acontecimento, ou escandaloso sucesso contraditório, só foi contraditório e surpreendente para os que mal interpretaram a sua obra e a sua insatisfação. Não é, portanto, produto de crise»⁶⁵.

E noutro passo: «O seu pensamento desenvolve-se harmonicamente. Há desenvolvimento e não mutação. Neste aspecto, o seu primeiro livro é plano e roteiro de tudo quanto vai surgir posteriormente. A primeira parte do seu último livro é explicitação do que já estava contido na sua obra anterior»⁶⁶.

Resumindo e em conclusão, a tese de Sant'Anna Dionísio, que afirma a não definitividade da conversão do filósofo portuense, não corresponde à totalidade dos factos e resulta de uma visão distorcida quer da sua personalidade, quer da natureza e processo de uma conversão à Fé católica.

Da história dessa conversão, reconstituída no artigo anterior, e da análise da tese e dos seus argumentos acabada de fazer, resulta muito mais verosímil a persistência, continuada e aprofundada, de Leonardo Coimbra no novo modo de ser, de pensar e de conviver.

Ninguém, nem ele próprio, podia dar garantias totais. Mas havia a esperança bem sólida, com base nas leis psicológicas aplicáveis a estes casos, no longo processo de maturação existencial, feito de ciência e experiência, e no poder da Graça recebida, de que, não apenas seria fiel à nova posição perante a vida e aos compromissos assumidos, como também desenvolveria uma acção benéfica de apostolado intelectual e de caridade fraterna.

Só este entendimento é digno da abnegação, sacrifício e grandeza de alma que foram exigidos por esse acto culminante da vida do Homem culto, filósofo, político, orador, a quem Delfim Santos chamou «o mais extraordinário Mestre de humanização, de compreensão e de autenticidade, que os homens da minha geração encontraram»⁶⁷.

ÂNGELO ALVES

Professor do I. C. H. T.

⁶⁵ Delfim Santos, *Actualidade e Valor do Pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*, Publicações do Centro de Estudos Humanísticos, Porto, 1956, pp. 18-19.

⁶⁶ *Idem*, *Ibidem*, p. 19.

⁶⁷ *Idem*, *Ibidem*, p. 21.

NOTAS E COMENTÁRIOS

SUBSÍDIO PARA UMA BIBLIOGRAFIA SOBRE LEONARDO COIMBRA (1980-1984)

INTRODUÇÃO

Estes elementos bibliográficos foram recolhidos pelos alunos de um Seminário de Filosofia, durante o ano lectivo 1983-84. Orientou este seminário o Doutor Ângelo Alves, professor do ICHT.

O trabalho foi sugerido pela ocorrência do Centenário do nascimento de Leonardo Coimbra, em 30 de Dezembro de 1983 e pelo tema do Seminário em que nos integramos neste ano lectivo.

Procurou-se que a bibliografia fosse o mais completa possível, mas não é mais que um subsídio, limitado às publicações periódicas e fundamentalmente da cidade do Porto.

Por metodologia e economia, procurámos eliminar elementos desnecessários nas citações, como as séries das revistas, o número e paginação nos jornais. A distribuição da bibliografia é feita por ordem alfabética de autores, dentro de duas secções: revistas e jornais (diários e semanários). Assim, encontramos por vezes, e para tal se chama atenção, artigos do mesmo autor referenciados em locais diferentes.

Sabendo-nos, à partida, principiantes num trabalho deste tipo, quízemos, apesar de tudo, prestar a nossa homenagem à grande figura filosófica, literária e política que foi Leonardo Coimbra. Fica-nos a consolação e a esperança de que este subsídio possa ser útil a quem pretender o seu estudo mais ampla e aprofundadamente.

I

REVISTAS

ALVES, ÂNGELO, *A Conversão de Leonardo Coimbra. História e Interpretação. Excurso sobre a evolução religiosa de Guerra Junqueiro*, in *Humanística e Teologia* 5 (1984) 179-217.

[Reelaboração ampliada dos artigos publicados em *Voz Portucalense*, 29.12.83; 5.1.84; 12.1.84; 19.1.84].

CUNHA, NORBERTO, *Leonardo Coimbra perante a acrasia sergiana*, in *Revista Portuguesa de Filosofia* 39 (1983) 453-476.

DIONÍSIO, SANT'ANNA, *O juvenil Filósofo-Tribuno na insegura manhã de 1911. Leonardo Coimbra e a República*, in *O Tripeiro* 2 (1982-83) 271-273.